

DE FAVELA À NOVA PARAISÓPOLIS

A custo de muita batalha, a comunidade dá os primeiros passos rumo à urbanização

Por Carolina Sanchez Giarola,
Luara Skrzek
e Renan Marra

Aproximadamente dois anos após a última onda de desapropriações que assolou Paraisópolis, a situação na região do bairro do Morumbi aparenta progresso. Suposições como ações truculentas da polícia ou a expulsão de moradores para expansão de obras privadas, mais as condições extremamente precárias da favela chamaram a atenção da mídia para o local, que, por sua vez, atraiu políticos e investimentos públicos, transformando Paraisópolis num palco de propaganda eleitoral. Hoje, há conjuntos habitacionais dentro da comunidade e as desapropriações ocorrem apenas em áreas de risco. A rede elétrica e a pavimentação foram ampliadas. Esse cenário, no entanto, esconde o baixo valor pago aos desapropriados e a dívida a ser quitada em 25 anos pelos moradores dos conjuntos populares. Buscando esclarecer o que de fato aconteceu e quais as perspectivas da urbanização na comunidade, o **Contraponto** conversou com Gilson da Cruz Rodrigues, jovem presidente da União dos Moradores e do Comércio de Paraisópolis, conhecedor do panorama histórico da região.

Segundo ele, a ação da polícia em 2009 na Paraisópolis foi importante, pois voltou a atenção da mídia para a favela e resultou em movimentos políticos. "Era a principal pauta do país. Começaram a aparecer senadores e ministros aqui que a gente nunca via. Teve gente que fez discurso na Câmara falando de Paraisópolis". Contudo, ele deixou claro que os resultados satisfatórios obtidos pela comunidade nos últimos cinco anos foram fruto da mobilização dos próprios moradores. "Não é por causa do governo do Kassab, é porque nós lutamos para isso".

A avaliação dos moradores com relação aos trabalhos desenvolvidos em Paraisópolis, de acordo com Gilson, é positiva, pois tem sido feita uma série de investimentos e eles têm conseguido participar desse processo. Além disso, são vistos resultados concretos: "Nós não tínhamos CEU, não tínhamos ETEC, nós tínhamos 6 Escolas, estamos com 14, nós não tínhamos AMA, vamos inaugurar AMA - provavelmente a Dilma vem aqui para inaugurar AMA - nós não tínhamos CRAS, montamos CRAS, nós não tínhamos UBS agora vamos ter 3. Quer dizer, nós tivemos uma série de avanços com relação ao trabalho em que o poder público tinha um papel pra ser cumprido e já está cumprindo".

Joildo Santos, diretor do jornal "Espaço do Povo", no editorial da edição de fevereiro/março de 2011, disse que "Paraisópolis possui o maior projeto de alfabetização em comunidades que visa erradicar o analfabetismo até 2014, além de diversos programas sociais e projetos educacionais espalhados por todas as regiões". Mas mesmo com o processo de desenvolvimento são vistos fatores negativos e que assustam os moradores da região. Joildo reprovou recentes assaltos ao comércio da



Divulgação

Apesar dos progressos e investimentos públicos na comunidade, Paraisópolis ainda apresenta atrasos na urbanização

região e o bloqueio ilegal de uma escadaria usada freqüentemente pelos moradores da comunidade com a alegação de terem muitos assaltos ali. Ele disse que em uma comunidade com um progresso evolutivo socioeconômico e sociocultural tão eficaz, isso não deve ocorrer.

Apesar desses acontecimentos imprevisíveis, Gilson admitiu que a situação atual da violência amenizou bastante: "Há dez anos, não se entrava assim em Paraisópolis de qualquer jeito. Tinha horário para entrar e sair, até para quem era morador. Hoje não é assim. Vem muita gente da região aqui perto para balada, pagode, forró. Vem gente do Campo Limpo inteiro". De acordo com ele, não é possível resolver de vez o problema do tráfico ou da polícia corrupta, mas é necessário melhorá-lo e então vem a necessidade de avançar a urbanização, para dar oportunidade de educação e trabalho às pessoas.

Paraisópolis não é oficialmente um bairro, mas uma ocupação dentro do Morumbi. O objetivo dos moradores, segundo Gilson, é que quando acabem as obras, em 2013 ou 2014, ela seja decretada como um bairro, o "Nova Paraisópolis". Esse nome foi dado com o intuito de se criar uma nova visão do lugar, para que, ainda que se lembrem da favela, não seja ela que venha no imaginário das pessoas, mas sim um local com mais oportunidade, mais renda, mais emprego. Pensando nessa meta, eles criaram uma rádio e uma revista de mesmo nome.

O programa de urbanização em Paraisópolis – é o maior da América Latina. Nele, den-

tre outros equipamentos sociais, são previstos uma AMA e uma UBS que então em fase de finalização, mas a principal reivindicação dos moradores é um Hospital Geral da Comunidade. Paraisópolis tem 100 mil habitantes, que somados aos da Vila Andrade, chegam a 300 mil.

No jornal "Espaço do Povo", no dia 28 de março, a vice-prefeita da cidade de São Paulo, Alda Marco Antônio, falou que o projeto do hospital é fundamental. "O SUS classifica uma cidade de 100 mil habitantes como uma grande cidade. Muitos municípios com essa quantidade de pessoas têm dois ou três hospitais, então é natural, justo e necessário que Paraisópolis conte aqui dentro com um hospital", declarou. Na edição de maio, o jornal mostrou que Gilson também conversou com o Ministro da Saúde, Padilha, e este se comprometeu a visitar a comunidade e apoiar a construção do Hospital.

Em uma entrevista concedida à rádio Nova Paraisópolis e reproduzida pelo mesmo jornal de fevereiro/março de 2011, Lula opinou sobre como a inauguração da primeira agência do Banco do Brasil dentro de uma favela pode contribuir para o desenvolvimento de uma comunidade. Inaugurado em Paraisópolis no mês de março, o Banco do Brasil, de acordo com ex-presidente, demonstrou que o bairro é pacífico e de pessoas trabalhadoras. "É um sinal de progresso".

Outro sinal de progresso é a construção do metrô na região. Segundo Paulo Avelleda, presidente da Companhia do Metropolitano de São Paulo, em entrevista à Rádio Comunitária Nova Paraisópolis, a chegada do monotrilho em Paraisópolis

e no Morumbi é fundamental, pois o tráfego nessa região é muito intenso e são poucas as fontes que conectam essa região ao centro da cidade. “Não adianta investir mais em pontes, carros ou em ônibus, porque há um espaço pequeno na cidade para esse modal. É preciso investir no transporte sobre trilhos, porque ele tem a condição de transportar uma grande quantidade de pessoas”, disse. Ainda que o monotrilho tenha uma capacidade menor que o metrô, possibilita um transporte rápido e confiável. Não será uma linha subterrânea, pois não há necessidade de transportar mais que 25 mil pessoas hora/sentido, e seria muito mais caro a construção. Além disso, é um boato dizer que farão um novo “minhocão”, segundo Avelleda “não tem vi-

aduto, não tem laje, não tem sombra embaixo do monotrilho”. Ele acrescenta, em relação à Copa do Mundo, que não se pode fazer uma linha de metrô para atender um evento apenas, mas para servir à cidade para o resto da vida, portanto “a linha-17 vai muito além de qualquer atividade relacionada à Copa do Mundo. Ela vai na veia da qualidade de vida das pessoas que moram nessa região”.

Em relação à educação, em Paraisópolis 12 mil adultos são analfabetos ou semi-analfabetos. Segundo Gilson, a comunidade tem se dedicado a erradicar o analfabetismo e por isso, ela está trabalhando com muita força no programa Escola do Povo para conquistar esse objetivo, alfabetizando jovens e adultos. No dia 16 de agosto de 2010 houve um

leilão beneficente promovido pela ex-primeira-dama Marisa Leticia e o cabeleireiro Wanderley Nunes que arrecadou R\$ 4 milhões, dados à União para dar início ao programa. Atualmente, três mil pessoas que sabiam escrever apenas o próprio nome, sabem ler e escrever perfeitamente.

Desapropriações – O histórico de desapropriações na favela de Paraisópolis não é recente. Desde a sua ocupação na década de 1950, a população é vista como “indesejada” na região e enfrentou diversas dificuldades. Na década de 1980, houve a primeira tentativa de remoção, na qual grande parte da favela foi ameaçada com o plano de uma obra rodoviária que construiria uma avenida para ligar a Avenida Giovanni Gronchi à Marginal Pinheiros. A obra, no entanto, foi embargada. Em março de 2009, a desapropriação mais recente que atingiu Paraisópolis mobilizou os residentes da região. Na ocasião, moradores e entidades ligadas à favela, com a campanha “Paraisópolis exige respeito”, acusaram a prefeitura de desapropriar irregularmente em benefício de grandes empreiteiras.

Gilson garantiu que os moradores foram retirados das áreas de risco e as desapropriações só ocorreram para a construção de obras de interesse exclusivamente social, contrariando especulações de que condomínios de caráter privado estivessem invadindo o espaço reservado à comunidade. Ele também explica que aos que têm suas casas desapropriadas, são oferecidas algumas opções como indenização: “Você pode pegar R\$ 5 mil, e a ideia que a prefeitura passa é de que as pessoas pegam dinheiro e vão embora para o Nordeste; pode pegar R\$ 8 mil e comprar um terreno em outra favela, em um terreno público; tem a opção da carta de crédito, que vai de R\$ 22 mil a R\$ 40 mil e você pode comprar uma casa em qualquer lugar do Estado de São Paulo – nós estamos brigando para que esta carta de crédito vá para R\$ 60 mil; e tem a proposta da construção das unidades habitacionais”, conclui. Geralmente os moradores recorrem ao benefício das unidades habitacionais, principalmente por estarem localizadas em Paraisópolis. O morador Isaac Silva de Jesus (42), por exemplo, foi um dos desapropriados por morar em área de risco. Ele, que antes vivia em uma casa com dois cômodos, admite que as condições de vida melhoraram depois que recebeu o benefício, com o qual foi contemplado após cerca de 2 anos de espera.

A entrega, no dia 31 de agosto, de 240 apartamentos do programa Nova Paraisópolis, que tem o objetivo de urbanizar e regularizar o segundo maior assentamento precário da cidade, com aproximadamente 19 mil domicílios, foi uma conquista significativa da comunidade. Iniciado em junho de 2006, o programa está em sua segunda etapa e tem orçamento total de R\$ 528.752.622,39. Segundo Gilson, ainda há cerca de 3000 apartamentos em processo de construção. A Superintendência de Habitação Popular (Habi) juntamente com a Secretaria Municipal de Habitação (Sehab) coordenam o projeto, que inclui parcerias internacionais.

No entanto, a situação na região ainda apresenta condições precárias. Somente 25% das residências são abastecidas de rede de esgoto, metade das ruas não é asfaltada e 60% dos moradores usam meios irregulares para obtenção de energia elétrica. Pode-se dizer, porém, que os cidadãos de Paraisópolis aprovaram as mudanças ocorridas na comunidade nos últimos anos. Estão agora esperançosos e atentos ao que a Nova Paraisópolis lhes reserva.

Propostas para o bairro

A comunidade tem sido alvo de inúmeros cursos, mutirões, programas e projetos que visam:

- A educação, como o Projeto Consumidor Consciente, promovido pela União dos Moradores e do Comércio de Paraisópolis em parceria com a MasterCard. O intuito é levar educação financeira aos moradores. No final do curso, realizado no CEU de Paraisópolis, os vencedores são premiados com um curso de inglês pago pela Mastercard e uma ajuda de custo a escola representada por eles. Qualquer morador pode participar.
- A energia e sustentabilidade, como o Programa Eficiência Energética, da AES Eletropaulo, prevê a instalação de 12 mil chuveiros que reaproveitam o calor da água usada no banho. Já foram instalados 1080 chuveiros econômicos na comunidade. Exemplo de sustentabilidade.
- O empreendedorismo feminino: a Associação das Mulheres de Paraisópolis, AMP, realizam cursos como o de produção de doces e salgados “Mãos de Maria”, com a proposta de ajudar as mulheres a possuir renda própria e ter uma ocupação profissional. Também tem o curso de construção civil, que promove a geração de empregos, capacitação profissional como pedreiro e azulejista.
- A formação dos jovens da comunidade, como o curso de fotografia “Olhares de Paraisópolis”, com o objetivo de formar profissionais de fotografia e a intenção de venda do material produzido pelos alunos. Algumas dessas fotografias estão na exposição “De Paraisópolis à Consolação”, em exibição na PUC-SP até o dia 06/06/2011, no Espaço Cultural da biblioteca Nadir Gouvêa Kfoury (térreo, prédio novo).
- A inserção de moradores no Mercado de Trabalho, como o Mutirão do Emprego na união dos Moradores. Eles são realizados mensalmente. O de abril conseguiu 250 moradores empregados.



Reprodução